

O ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.

Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

LISBOA 16 DE ABRIL.

A questão da interferencia ingleza está hoje resolvida. Sabemos a fundo a sua historia, que vamos fazer patente.

Os ministros de Lisboa, perdendo as esperanças de vencer a causa nacional por forças proprias, haviam implorado de mãos erguidas a protecção e auxilio do gabinete britannico por meio de uma nota dirigida a lord Palmerston em 17 de Março, na qual por todos os modos buscavam fazer persuadir como indispensavel a interferencia estrangeira nos nossos negocios. Allegavam na sua aviltante supplica que a revolução nacional era uma insurreição miguelista, tendo por fim desthronar D. Maria 2.ª para acclamar D. Miguel, perigando desta sorte a pessoa e dynastia da rainha, e ainda mesmo o socego da Peninsula; e que por isso se devia entender chegado o caso d'Inglaterra interferir neste negocio, por ser uma das potencias signatarias do tractado da quadrupla alliança, reclamando por consequencia todo o seu auxilio e protecção. . . .

Proclamavam os cabralistas que não tardaria por parte do gabinete inglêz a resolução favoravel da reclamação que lhe tinham dirigido; e na semana passada espalhavam que o barão de Moncorvo participára de Londres em 30 do mez ultimo, que no dia immediato se tomaria uma deliberação a tal respeito pelo ministerio britannico, que se compromettia a submeter o partido nacional á vontade caprichosa dos auctores da emboscada de 6 d'Outubro.

No dia 11 entrou, vindo de Portsmouth com 5 dias de viagem, o vapor de guerra inglêz *Sidon* trazendo despachos para os ministros, e para a legação ingleza. Os cabralistas publicavam por toda a parte o que elles chamavam o seu triumpho; diziam com ufania que as esquadras inglezas por um lado, os batalhões de Castella por outro, voariam em seu auxilio; e que o traçoeiro golpe d'estado de 6 d'Outubro estava canonisado pelas potencias alliadas. Faltando sempre em tudo á verdade, agora o fizeram tambem: emendaremos esta gernde falta relatando com exactidão o que ha sobre este negocio de grave importancia.

O gabinete britannico respondendo á nota dos ministros de Lisboa declara « que não considera de fórma alguma chegado o caso de « entrarem em accordo as potencias signatarias « do tractado da quadrupla alliança, principalmente porque esse tractado se podia considerar tão sómente para o fim que se concluiu « em 1834, não existindo actualmente as circumstancias que então o tornaram necessario. « Que não se proclamára agora D. Miguel ou o « seu governo; que nos actos officiaes publicados pela junta do Porto se tem invocado sempre o nome da rainha; que a revolução popular tem demonstrado claramente não ser dirigida contra a pessoa de S. M., seu throno, « ou dynastia; mas sim uma demonstração de « energia nacional para reprimir um abusivo « acto de força, condemnado por todos os principios constitucionaes — que o governo inglêz « não se intrometterá nestas circumstancias a « classificar merecidamente o acto que em nome da rainha se praticou na noute de 6 de « Outubro — que pondo de parte estas considerações e o seu desinvolvimento o governo inglêz só contempla que a guerra civil está ateadada em Portugal; que o paiz se acha horrorosamente devastado; e que a Inglaterra, sua « antiga e sempre fiel alliada, não pôde encerrar sem o mais profundo sentimento de dôr « uma semelhante prespectiva; que desejando « mui verdadeiramente que a paz, firmada na « liberdade, se consolide na Peninsula, e de boa « vontade se prestará a uma conveniente mediação d'accordo com o gabinete de Madrid, « uma vez que S. M. a rainha de Portugal se « preste por meio dos seus actos a conciliar-se « com os seus subditos, cujos animos lhe estão « alienados; e para tal fim julga o governo britannico como indispensavel desde já:

« 1.º Que se ponha em pleno vigor e fiel « execução a carta constitucional com todas as « suas garantias politicas e individuaes, sem a « menor restricção.

« 2.º Que a rainha nomeie um ministerio « composto de pessoas cujo bom character e sentimentos politicos offereçam garantias á opinião publica, e que por maneira alguma se « tenham mostrado sectarios ou adherentes do

«systema seguido desde 6 de Outubro.

«3.º Que promptamente sejam convocadas
«as côrtes geraes da nação.

«4.º Que se declarem de nenhum effeito
«todas as medidas decretadas pelos ministros,
«em nome da rainha, exorbitantes do poder
«legal que a carta confere ao executivo.

«5.º Que sejam declarados como não exis-
«tentes, e para mais se não fazer menção, to-
«dos os decretos de exauthoração de postos,
«logares, titulos, condecorações, e honras que
«se tenham publicado ficando consideradas pa-
«ra todos os effeitos as pessoas exauthoradas
«como se taes decretos nunca existissem.

«6.º Que sejam restituídos promptamente
«ao reino, e ás suas familias os infelizes que
«foram deportados para Africa, e que alli, ou
«em outra qualquer parte, se achem privados
«da sua liberdade, ou ainda mesmo fossem
«constrangidos a sair para fóra do reino, co-
«mo succedeu com uma personagem eminente
«por seus serviços e dedicação á rainha e á
«carta constitucional.

«7.º No caso de que a rainha accete, para
«desde logo fazer executar as condições pro-
«postas pelo governo britannico, este se com-
«promette a usar de todos os meios efficazes e
«convenientes para que as condições indicadas
«mereçam a adherencia d'aquelles que nas mes-
«mas podem ser interessados.»

O conhecimento desta nota em termos tão explicitos deixou como petrificados os ministros de Lisboa, que no dia 13 se reuniram na secretaria do reino convocando para a uma hora da tarde differentes individuos, que quizeram ouvir, entre os quaes sabemos que fóra o visconde de Laborim, os conselheiros Mello e Carvalho, Manoel Duarte Leitão, Felgueiras, Miranda, presidente da relação, os procuradores regios da corda e fazenda, o Trigueiros, Bayard, e Gomes de Castro. O visconde de Laborim parece que fallára em João das Regras, que invocára o condestavel, e proferira outras muitas cousas no seu gosto *curuscante*. O Ferrão gritou como um possesso, clamou que todos se deviam armar, que as condições propostas eram ignominiosas ao mais excessivo ponto, e que não se deveria ceder de fórma alguma, porque os inglezes sempre favoreceram os revolucionarios.

O Gomes de Castro deitou-se aos inglezes como S. Thiago aos mouros; fallou no respeito que elle lhes tinha imposto durante o seu ministerio, em hermeneutica diplomatica, e outros despropositos taes que o proprio Bayard se mostrou admirado de tanta ignorancia e de tanta ousadia.

Os ministros do reino, justiça, marinha e estrangeiros declararam que as propotas eram inadmissiveis. O da guerra votava por ellas por conhecer a impossibilidade de ser vencido o povo pelas armas. O da fazenda quando curvia

os protestos da nossa nacionalidade offendida e appello para as armas, encolhia os hombros, ria-se, e declarava *que tudo aquillo era muito bom; mas que o peor era o não haver dinheiro.*

Por fim concluíram dizendo que as forças caudinas estavam levantadas, que não havia remedio senão passar por baixo dellas, e que para isso se buscassem quantos meios fossem possiveis para que as condições offerecidas não sendo, como não seriam, postas de parte, fossem pelo menos modificadas.

Mas no caso de não o serem? perguntava o ministerio. *Soffrir e callar* respondiam os rigidos amantes da nossa independencia e nacionalidade.

Toda a appellada, com estas opiniões juntas, foi apresentada ao conselho d'estado no dia 15.

Aqui nova celeuma se levanta, e a imbecillidade e ignorancia do ministerio é arguida pelos seus co-partidarios. Em vão se estreia D. Manoel de Portugal para mostrar que é resolutto e esperto, e o Marcellino Maximo gasta mal a sua eloquencia em querer provar que os recursos do paiz são immensos lançando os olhos para as joias da corda; por que o patriarcha, fallando pela bocca de Jezus Christo, declara, com magua, que não ha magia em voz nenhuma do mundo que arrebanhe o povo á roda d'um throno cujos degrãos o ministerio tem salpicado com o sangue dos subditos mais fieis, cubrindo com o negro crepe a estatua da liberdade. A conclusão do conselho foi — *que se accetassem as propostas, fazendo-se todos os esforços para serem modificadas.*

Ahi ficam os factos como na verdade se passaram. Não revelamos nada ao publico; porque os mesmos cabralistas tiveram esse trabalho vindo contar as suas vergonhas. Agora as reflexões.

O facto de pedir a intervenção é por si só um escandalo. Um partido nacional nunca o faria; o progressista nunca recorrera a esse meio. A nação póde debellar as facções, e se não as debella é porque o seu nome é invocado em vão. Quem tem a maioria tem a força, e quem tem força propria não busca a estranha.

A intervenção, pois, não significava senão que a côrte queria subjugar a maioria com a minoria, o que é o mesmo que tornar-se absoluta e despotica.

E nós não dissimulamos que a nação podia succumbir nessa lucta desigual. Certo que á vista dos batalhões da quadrupla alliança as forças populares não trepidariam mas morreriam todas. E morreriam sem deshonra, morreriam com gloria. A França de 1815 succumbiu debaixo dos exercitos alliados, e a França era conduzida por Napoleão, pelo Deus da guerra. A Polonia tambem cahiu; mas todos os corações generosos palpitam por ella em quanto desadoram os seus oppressores. Assim seriamos nós —

prefeririamos uma morte gloriosa a um viver de ignomia, e antes quizeramos ser assim vencidos do que vencer por auxilio estranho. Não era Saldanha, não era a côrte, que nos vencia, era Inglaterra, França e Hespanha.

A Inglaterra porém não quiz interferir, julgou que nem vigorava o tractado da quadrupla alliança, nem chegara o *casus fœderis* ainda quando elle vigorasse — offereceu a sua mediação mas em que termos? Ali é que está tudo.

A Inglaterra para começar os bons officios de medianeira *exige que a côrte de Lisboa entre na estrada da constituição e da justiça!*

É isso o que quer a junta do Porto; foi para isso que o povo se insurgiu.

Exige que se nomêe um ministerio de gente séria, e exclue a que concorreu para a emboscada de 6 d'Outubro.

É isso o que a insurreição quer.

Exige a convocação das côrtes.

É isso o que nós queremos.

Exige a declaração de nullidade de todos os actos exorbitantes.

É o que a junta do Porto decretou.

Exige a restituição das patentes, honras e condecorações aos exauthorados.

É o que todo o paiz exige com as armas na mão.

Exige que sejam soltos os presos, chamados os proscriptos.

É o que todo o mundo reclama.

Feita assim inteira justiça á revolução, a Inglaterra offerece-se por medianeira quer dizer empregará perante a junta do Porto a sua influencia moral para que esta acquiesça.

Mas quaes são nesse caso os serviços que a Inglaterra fez á côrte?

São muitos. É tirar das mãos da justiça esas cabeças que lhe estão votadas; é acudir a um throno que se afunda; é valer a uma rainha que se perde; é esconder a farda e a espada de um commandante em chefe que não sabe usar dellas; é evitar a effusão de sangue, e dar ao partido nacional a victoria com menor sacrificio para elle, e com a menor desvantagem para os vencidos.

Constituíram a Inglaterra seu juiz, agora aceitem o *verdict*; caluniarão-nos n'uma nota infame, caluniarão a nação portugueza; digam-nos agora a resposta que tiveram. A prerogativa real não a reconhecemos nesse acto. Se os ministros ignorantes e imbecis são demittidos é porque sir G. H. Seymour assim o ordena por aviso de lord Palmerston; se reconhecem o nosso direito, se desfazem tudo o que fizeram é para evitar um maior mal. Tudo isso é uma confissão geral para obter o perdão da junta do Porto.

O gabinete inglez é illustrado, e fez-nos justiça. Respondeu á côrte como devia responder — *Entra no caminho da lei, e depois farei de juiz de paz na tua contenda.*

Invoquem agora a protecção de Hespanha. Sympathizamos com os nossos vizinhos, que são nobres e generosos, mas não receiamos as ameaças dos seus governos. Ainda temos padeiras de Aljubarrota, e nas fileiras hespanholas contamos mais amigos que adversarios.

Depois destes acontecimentos o partido cabralista morreu. Chore a rainha o triste papel que quiz fazer, ou que a obrigaram a fazer, e aprendam os homens honestos do partido ministerial, se os ha, a conhecer o seu erro, e apressem-se a remediar os males, que tem causado.



Hontem (15) chegou a esta capital vindo da Figueira o regimento de infantaria n.º 1, e alguns contingentes d'outros corpos, ao todo, 450 praças. Esta força vinha no vapor inglez, fretado por conta do ministerio *Duke of Cornwall*.

O governo mandou pedir esta força ao Saldanha com medo que as forças populares do Alemtêjo entrassem na capital, ou houvesse nella uma revolução. O Saldanha fez com muito custo esta concessão.

O ministro inglez declarou ao commandante do vapor que uma vez que não era navio do estado não lhe podia prohibir o empregar-se no serviço do transporte assim como a junta do Porto podia fretar embarcações inglezas, mas que no caso de ser apprehendido pela junta o governo britanico não reclamaria a sua entrega.

O Salazar Moscozo chegou ali esta noute fugido de Estremoz.

O Gil Guedes tambem chegou. Todo o dia tem estado gente no Terreiro do Paço á espera dos vapores que deviam trazer a divisão do Gil Guedes, e que chegaram só de noite. Pensamos que foi para que a cidade não presenciase aquella miseria.

Cintra pronunciou-se ante-hontem; hontem marchou para lá uma força de 60 homens da municipal, e 18 cavallo commandados pelo ceteiro Sedvem. Esta tarde chegaram tres soldados feridos, um com tres ballas, outro com uma e outro com uma cotilada.

O marquez de Fronteira cahiu no desagrado do paço. Foi dizer ao commandante em chefe que a revolução rehentava por toda a parte mesmo entre os seus batalhões — que parecia agua a borbulhar em terreno pantanoso — O rei disse-lhe que os militares eram uns *pantalões* muito arrogantes e valentes quando o perigo estava longe, fracos e medrosos quando estava perto. O marquez desforrou-se começando por ali a tornar a culpa á falta de *generaes*.

O Shwalbak foi esconder-se em Elvas. O Alemtêjo está desafrentado e todo nosso.

Lisboa tem presenciado estas idas e voltas dos generaes da côrte, que principiam todos os dias

as suas operações, e as acabam fugindo sempre para a capital. Pois apesar disso o paiz está em socego, menos naquellas partes que occupam os insurgidos, e essas partes são o reino todo.



No *Popular* de Faro lê-se o seguinte:

Tendo fundeado no dia 22 de Março pela uma hora da tarde, junto na Barra Nova, que da entrada para a deste porto e o d'Olhão, os vasos rebeldes, cahique Serra do Pilar, e cutter Conde de Thomar, começaram a ser chamadas a bordo todas as lanchas de pesca, que passavam, fazendo-se tiros de balla para aquellas que não obedeciam; e como a povoação d'Olhão tivesse já corrido ás armas, logo que se avistaram os ditos vasos, resolveu-se alli o embarque, em differentes barcos, de patriotas armados, que fossem postar-se na bocca da barra, para proteger as lanchas, que recolhiam da pesca, o que se effectuou, e temos a satisfação de annunciar a nossos leitores que o resultado desta operação foi o apresionamento de dois escaletes com tres soldados armados do batalhão naval, e 7 marinheiros que tinham sahido daquelles vasos em perseguição de umas lanchas, que não tinham querido obedecer ao chamamento.



O paquete ultimamente chegado trouxe-nos noticias do Porto de 7 até 10: o seu conteúdo é o seguinte:

«Porto 10 d'Abril. — O castello de Vianna ainda resiste, porém ha bem fundadas esperanças de que succumba dentro em poucos dias. Segundo se diz faltam aos sitiados mantimentos e munições, o que é comprovado pelas diligencias que os rebeldes teem feito para communcar por mar com o castello, as quaes tem sido todas infructuosas, e mesmo pelas correspondencias de Valença aprehendidas, em que são promettidos soccorros que os sitiados pedem. O bombardeamento continúa.

«João Carlos de Saldanha teve um jantar na Terça feira, do qual participaram os soldados. Por essa occasião diziam estes—que melhor fora lhes pagassem os pretos em vez de gastarem o dinheiro em funcções. Aos officiaes estão de-

vendo tres mezes de soldo; aos soldados algumas quinzenas. O Ximenes foi a Coimbra para arranjar 20 contos, porém não lhe foi possível. Em fim não tem vintem, e se d'ahi não são socorridos, talvez haja algum tumulto serio.

Partiu para o Algarve um cahique com armamentos. A nossa força augmenta consideravelmente; todos os corpos de linha estão em grande força. A cavallaria está boa; quando convenha poremos em campo 500 cavallos pelo menos.

«Ao passo que o governo de Lisboa se vê obrigado a confessar o descredito em que é tido no estrangeiro, a junta tem recebido propostas de emprestimos muito vantajosas. Para acabar com a lucta, que está assollando o paiz, apenas é preciso que se principiem as operações o que de certo não tardará.

«Corre que o Villalonga, capitão general da Galliza, vai ser exonerado.

«P. S. Agora mesmo chegou um soldado do Saldanha que confirma tudo o que a respeito da sua força deixo referido.»



Os cabralistas exultaram com o facto de ir a náó *Canopo* estacionar junto do Terreiro do Paço, e começavam a insultar os cidadãos como se cada um tivesse um inglez atraz de si para lhe guardar as costas. A esperteza da folha official não agradou ao corpo diplomatico, e para desengano dessa pobre gente o consulado britannico affixou hoje o seguinte annuncio, que damos na lingua original e na traducção. Ei-lo:

Notice.

Notice is hereby given that Mis Hrajesty's ship *Canopus* has been stationed of the Terreiro do Paço for the purpose of affording protection to the lives and property of British Subjects in case of need. — B. Consulate the 16 t. of April 1847. — *W. Smith*, consul general.

Traducção.

«Faz-se saber que a náó de S. M. B., *Canopo*, estacionou junto do Terreiro do Paço para «dar protecção ás pessoas e propriedades dos «subditos britannicos no caso de precisarem «della. — Consulado britannico 16 de Abril de «1847. — *W. Smith*, consul geral.»